

## TRANSFIGURAÇÕES UTÓPICAS EM O PRESIDENTE NEGRO DE MONTEIRO LOBATO

**Ramiro Giroldo**  
**Doutorando em Literatura Brasileira**  
**USP**

**Rosana Cristina Zanelatto SANTOS**  
**Doutora em Letras**  
**/UFMS/CNPq**

### **RESUMO:**

O ensaio trata do romance **O Presidente Negro** (1926), de Monteiro Lobato, por meio da categoria “utopia”. Pretende-se discutir como a obra lida com paradigmas utópicos em sua transfiguração ficcional do pensamento higienista de grande projeção à época de sua publicação. As proposições de Chris Ferns acerca da narrativa utópica, de Hannah Arendt sobre as relações do fazer poético e o pensamento político e de Sigmund Freud no tratamento da “felicidade da quietude” merecerão relevo como aporte teórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Utopia; Monteiro Lobato; **O Presidente Negro**; Higienismo.

### **ABSTRACT:**

The essay discusses the novel **O Presidente Negro** (1926), by Monteiro Lobato, through the category "utopia". It intends to discuss how Lobato's novel deals with the utopian paradigm in its fictional transfiguration of the largely influential hygienist thought. Propositions by Chris Ferns, about the utopian narrative, by Hannah Arendt, about the relations between the poetic creation and the political thought, and by Sigmund Freud, about the happiness of quietness, are relevant to the essay.

**KEYWORDS:** Utopia; Monteiro Lobato; **O Presidente Negro**; Hygienism.

Nas primeiras décadas do século XX, uma série de textos que se pode inserir na tradição literária principiada por **Utopia**, de Thomas More, foi produzida no Brasil. Além do objeto deste ensaio, **O Presidente Negro** (1926), de Monteiro Lobato, podem ser citados como exemplos **São Paulo no Anno 2000** (1909), de Godofredo E. Barnsley, **O Reino de Kiato: no País da Verdade** (1922), de Rodolfo Teófilo, e **Sua Excia., a Presidente da República do Anno 2500** (1929), de Adalzira Bittencourt. Em diversas medidas, essas “utopias” lidam com o pensamento higienista, bastante presente à época de suas publicações. Traçam-se, pois, breves considerações acerca do higienismo como o Brasil o conheceu, a fim de iniciar e assentar a presente discussão.

Bastante difuso e heterogêneo<sup>1</sup> no País, o movimento higienista tinha por objetivo alterar o comportamento da população brasileira. Por meio da mudança direcionada dos hábitos, a meta declarada dos higienistas era melhorar as condições de saúde coletiva. Segundo a historiadora Marta Maria Chagas de Carvalho,

Propostas de higienização do social, associadas à eugenia, tiveram intensa circulação no Brasil nas décadas de 20 e 30. Prometendo ‘transformar o processo de seleção natural, que funcionava às ocultas do homem, em instrumento racional conscientemente empregado’, a eugenia sustentava projetos de erradicação do que era entendido como causa de degradação biológica e espiritual. Adicionava à hereditariedade fatores psicossociais, abrindo-se para o esquadrihamento e controle de uma gama variada de agentes do que era entendido como degeneração da espécie e abastardamento da raça. (CARVALHO, 1998, p. 314).

Nascido das elites, o pensamento higienista serviu à s classes dirigentes com fins de exclusão social, conforme apontado por Nicolau Sevcenko na introdução ao terceiro volume da coleção **História da Vida Privada no Brasil**. O vínculo do higienismo com procedimentos autoritários, bem exemplificado pelo episódio do bota-abaixo<sup>2</sup>, deve ser assinalado como ponto referencial no País.

Em **O Presidente Negro** Lobato mostra o contato de Ayrton Lobo, um descontente brasileiro perdido nas massas, com o cientista Benson e sua filha Miss Jane. Segundo o raciocínio determinista de Benson, que é exposto a Lobo, o tempo seria como um livro já escrito: as páginas anteriores, o passado;

---

<sup>1</sup> Edivaldo Góis Junior, no ensaio Movimento Higienista em **História da Vida Privada no Brasil**: do Homogêneo ao Heterogêneo, delimita quatro linhas distintas do higienismo: a etnológico-biológica, a darwinista social, a galtoniana e a intervencionista social.

<sup>2</sup> Refere-se à demolição dos casarões populares do Rio de Janeiro entre os anos de 1902 e 1906.

as posteriores, o futuro. O cientista teria criado, então, uma máquina capaz de ler as páginas vindouras, o porviroscópio.

Debilidado, Benson destrói a invenção antes de falecer. De acordo com Miss Jane, o mundo não estaria pronto para o porviroscópio: “Bem razão tinha meu pai em não tornar pública a sua descoberta. Só mesmo um espírito de eleição como o dele poderia resistir às tentações resultantes, concluiu Miss Jane” (LOBATO, 1951, p. 198). Ela, portanto, é quem sacia a curiosidade de Lobo sobre os eventos futuros mostrados pelo aparelho, narrando-lhe uma cadeia de episódios transcorridos em 2228.

Como narradora, Miss Jane personifica a figura do guia, típica da utopia desde a matricial obra de Thomas More. A apresentação de 2228 é recorrentemente entremeada com observações, dúvidas e vislumbres do dia a dia de Ayrton Lobo, o que remete ao modelo narrativo tradicional da utopia e sua constituição aparentemente dialógica. Porém, apenas aparentemente de acordo com Chris Ferns:

(...) uma avaliação das convenções do diálogo renascentista, no qual a narrativa utópica tradicional é assentada, pode sugerir que ela é geralmente construída para ter o efeito completamente oposto – produzir uma ilusão, ao invés da realidade de um diálogo. Funcionando primariamente como um artifício retórico, ela serve mais para reforçar a autoridade de um ponto de vista único do que para refletir um genuíno processo de debate.<sup>3</sup> (FERNs, 1999, p. 23).

Se, por um lado, a voz de Miss Jane é a da autoridade prevalente e unívoca, por outro, Ayrton Lobo considera-se um homem inculto, distante da sabedoria de sua amada interlocutora, o que frustra qualquer possibilidade de que se constitua entre eles um diálogo: o que se estabelece entre ambos é uma relação de subordinação, marcada pelo ponto de vista único de Miss Jane, e de submissão, esta última marcada pelo afeto nutrido por Lobo pela filha de Benson.

De acordo com Miss Jane, apenas em 2228 os Estados Unidos resolveram o “problema racial”. A solução brasileira para o conflito entre brancos e negros é, pela voz da guia, referida como “medíocre”, já que

---

<sup>3</sup> Tradução nossa de “(...) a consideration of the conventions of the Renaissance dialogue, in which the traditional utopian narrative is rooted, might suggest that it is more often designed to have precisely the opposite effect – to produce the illusion, rather than the reality of dialogue. Functioning primarily as a rhetorical device, it serves rather to reinforce the authority of a single viewpoint than to reflect a genuine process of debate” (FERNs, 1999, p. 23).

[e]stragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu suas admiráveis físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável peora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefa-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado (LOBATO, 1951, p. 206).

A solução norte-americana, por seu turno, foi cristalizar as duas raças, por meio de uma “barreira de ódio” que é elogiada por Miss Jane: “O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano...” (LOBATO, 1951, p. 207). Ayrton Lobo, ao ouvir tais palavras, fornece um exemplo da ilusão de diálogo estendida à boa parte da obra: “Como era forte o pensamento de Miss Jane! (...) Poderia vir a amar-me uma criatura assim, tão alta de cérebro?” (LOBATO, 1951, p. 207). Reforça-se, então, o seu *status* de submissão, por afeto, às falas da narradora.

A despeito da cristalização racial, em 2228 acontece o inevitável choque entre as raças. Graças a uma cisão do eleitorado branco norte-americano (homens e mulheres viram-se ideologicamente separados), é eleito o presidente negro do título do romance. A circunstância é mostrada como inconcebível, e mulheres e homens (brancos) unem-se para derrubar o presidente negro. Na chamada Convenção da Raça Branca, tomam decisões e, logo, apresentam um novo procedimento tecnológico, capaz de tornar os cabelos crespos dos negros em lisos. Todos os negros dos Estados Unidos submetem-se ao procedimento que é, na verdade, uma faca de dois gumes: se os cabelos ficam lisos, quem se submete ao tratamento torna-se estéril. Trata-se, num plano maquiavelicamente traçado, do fim da raça negra em 2228, mostrado como a concretização da utopia da supremacia branca.

A obra em muito expressa o pensamento higienista então disseminado no Brasil, vinculando a instituição de uma sociedade perfeita ao triunfo da eugenia e da higiene. Vale dizer da relação de Monteiro Lobato com o higienismo, merecendo atenção que outra “utopia higienista”, lançada em 1922, **O Reino de Kiato: no País da Verdade**, de Rodolfo Teófilo, tenha sido publicada por Monteiro Lobato Editor.

No ensaio A tradição do pensamento político, Hannah Arendt assevera que está no cerne de toda tradição ser “aceita e absorvida” (2008, p. 86) pelo senso comum, como forma de ajuste das vicissitudes compartilhadas ou não pelos homens. Seria um limite, um ponto de estabilização para a dimensão política e a manutenção das relações humanas com as partes que compõem o corpo do Estado. Por lado, Arendt também propõe pensar como essas interrelações por vezes padecem de falta de sentido quando não se compreendem as instâncias ideológicas nas quais elas estão inscritas.

Ao pensar no lugar ocupado pelo editor Monteiro Lobato em meio ao arrefecimento da compreensão ideológica dos textos literários, indaga-se até que ponto o escritor estava envolvido com a manutenção e o reforço de uma política higienista e eugênica do Estado brasileiro. Afinal, ainda em consonância com as proposições arendtianas, está depositada/repositada nas mãos dos poetas a possibilidade de, pela escrita, fazer existir e dar validade às narrativas que vão sendo agregadas à história de um povo. O poeta toma a iniciativa de rememorar o passado e dizer o futuro, decidindo, selecionando “(...) o que é digno de ser contado no presente (...)” (ARENDDT, 2008, p. 91). Pode-se pensar, então, em duas das *personas* lobatianas: o editor, envolvido ideologicamente com as estruturas mercadológicas marcadas por uma forte intervenção do Estado, e o escritor, aquele que lê o mundo ao seu redor e diz o futuro com o olhar em seus horizontes de expectativa.

Faz-se essa proposição, pois, ironicamente, a concepção de higiene e de eugenia transparecida pelo romance do próprio Lobato não é aquela mais em voga à época de sua publicação, ou seja, a intervencionista social. Essa corrente, segundo Góis, foi a única a conseguir aplicar suas propostas com o Estado Novo, em 1930, e não se pautava em ideias de superioridade ou de inferioridade de determinada raça em relação à outra.

Uma das outras correntes do movimento higienista, no Brasil chamada de darwinista social, acreditava

(...) que a mistura de raças com tendência de embranquecimento faria o elemento negro desaparecer do país. Afrânio Peixoto, por exemplo, era um dos defensores dessa tese. Por outro lado, não poderíamos dizer que este autor e outros eram darwinistas sociais *stricto sensu*, pois apostavam na mistura de raças, o que era condenado pelos darwinistas sociais (GÓIS, [s.d.], acessado em 18 fev. 2008).

A concepção de eugenia transparecida em **O Presidente Negro** se aproxima do darwinismo social e refuta a proposta dos “darwinistas sociais” do movimento higienista brasileiro. A solução brasileira, a mistura das raças, afinal, é a “mediocre” no futuro narrado pela voz americanizada de Miss Jane.

O romance possui uma marca recorrente nas utopias literárias, a valorização de circunstâncias estáticas, onde o movimento não é mais desejável. Segundo Angelika Bammer, citada por Ferns, “(...) ao invés de descrever um impulso vital rumo à mudança, a utopia, como tem sido tradicionalmente definida, representa uma instância estática e, no sentido mais literal, reacionária: um lugar que, perfeito, não precisa – e não irá – mudar.”<sup>4</sup> (FERNS, 1999, p. 8).

---

<sup>4</sup> Tradução nossa de “Rather than describe a vital impulse toward change, utopia as it has traditionally been defined represents a static and, in the most literal sense, reactionary stance: a place wich, being ‘perfect’, does not need to – and will not – change” (FERNS, 1999, p. 8).

Em **O Presidente Negro** isso é verificável no elogio à “barreira de ódio” norte-americana que, evitando a miscigenação, abdica de uma composição racial dinâmica. Na conclusão dos eventos de 2228, com o fim da raça negra e a completa impossibilidade de miscigenação, a estática utopia por fim se estabelece.

Portanto, a constituição racial imóvel é, no romance, um caminho para alcançar a ausência de conflitos sociais própria do feitiço utópico. Trata-se de um processo de isolacionismo: para evitar o dificultoso contato com o outro, sempre capaz de promover modificações, a opção é o refúgio. Em **O Presidente Negro**, o contato é representado pela miscigenação. É possível depreender que a rejeitar equivale à recusa de que a alteridade promova mudanças. A formulação de Freud pode ser de auxílio na proposição destacada:

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos (FREUD, 1997, p. 26).

Na *Utopia* de Thomas More o isolamento verifica-se na isolada localização da ilha ideal, passível de evitar a “corrupção” que o outro pode trazer. Já em **O Presidente Negro**, a própria “barreira de ódio” que segrega brancos de negros instaura a “felicidade da quietude”: o voluntário isolamento e a conseqüente negação da alteridade se dão de modo dissimulado, com o apoio da tecnologia (o tônico que alisa o cabelo dos negros). A ciência, na obra de Lobato, acaba por referendar a tópica da felicidade da quietude consigo mesmo, ainda que isso custe a dizimação de qualquer natureza do outro.

### Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. A tradição do pensamento político. In: \_\_\_\_\_. **A promessa da política**. Org. e int. Jerome Kohn; tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008. p. 85-109.

BITTENCOURT, Adalzira. **Sua Excia., a Presidente da República do Anno 2500**. São Paulo: Schmidt, 1929.

FERNS, Chris. **Narrating Utopia**. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

BARNSLEY, Godofredo E. **São Paulo no Anno 2000**. São Paulo: Typ. Brazi de Rotschild, 1909.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

GÓIS, Edivaldo; Junior. Movimento Higienista na História da Vida Privada no Brasil: do Homogêneo ao Heterogêneo. Disponível em: <http://www.uninove.br/ojs/index.php/saude/article/viewFile/170/157>. Acesso em: 18 fev. 2008.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1951 (Obras Completas de Monteiro Lobato; v. 5).

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (V. 3).

TEÓFILO, Rodolfo. **O Reino de Kiato: no País da Verdade**. São Paulo: Monteiro Lobato Editor, 1922.